

Guerra a Brasília

26 JUL 1988

CAPITAL - Em editorial, diastes do Plano Piloto, a maioria fun- atrás, o JB dizia que o Rio e São Paulo "nunca tiveram preconceito há mais um milhão e meio nas "ci- contra Brasília". E uma falsidade histórica. Quem acompanhou a campanha pela construção de Brasília, desde a posse de JK em 1956, lembra-se bem da terrível campanha da imprensa que poderosos grupos econômicos e financeiros, liderados pela Light, desencadearam contra a transferência da capital para o centro do país. As elites brasileiras sempre vi- veram ao longo do litoral e não queriam imaginar-se distantes da corte, do poder, do governo. Foi uma guerra de nervos e de pressões que durou anos. A garra e a visão continental que Juscelino tinha do futuro do Brasil acabaram derrotando os adversários de Brasília. Mas o preconceito não passou totalmente. Há mil teorias de beira-mar sobre o escritório, aonde se vai trabalhar mas não dorme lá", sobre "a ma- quete, onde Niemeyer pos algumas pessoas para mostrar como seria uma cidade, elas acabaram ficando e a maquete virou cidade", a "cidade sem esquinas, desumana". No fun- do, as elites brasileiras, principal- mente as instaladas no Rio e São Paulo, vêem Brasília como apenas um supermercado, um entreposto comercial, aonde se vai acertar negócios, tratar de interesses, comprar coisas, conseguir van- tagens, e voltam correndo. Porque as elites pensam assim, querem que necessariamente seja assim. Es- quecem-se de que Brasília já é uma cidade de um milhão e 800 mil ha- bitantes e terá 5 milhões daqui a 10 anos.

SEM SOBRENOMES - O azar de Brasília é não ter sobrenome. Ter poucos sobrenomes. Fora o poder, que chega e sai, fica e logo se muda, a rotatividade dos governos, a grande massa da população entre o Plano Piloto e as cidades satélites, e de brasileiros mais ou menos anônimos, vindos de todos os cantos do país, que aqui chegam para trabalhar, geralmente imaginando voltarem a seus estados depois de algum tempo, mas depois não voltam nunca, porque descobrem que Brasília tem a melhor qualidade de vida do Brasil. É uma média social nacional. Não saem na coluna no Ibrahim, no Zózimo ou na Joyce. Por isso, passam a não existir para os atávicos preconceitos da grande imprensa brasileira, que nasceu, vive e morrerá nas cadeias here- ditárias das casas grandes, per- petuadas nos sobrenomes que atravessam séculos nos expedientes dos grandes jornais. Essa gente não tem sensibilidade para a integração nacional, para as imensidades do interior, e, o que é mais grave, tem mil interesses que consideram dis- tantes de uma capital jovem, que chega aos 2 milhões de habitantes com menos de 30 anos e, de repente, é consagrada como Patrimônio Cultural da Humanidade. Para essa imprensa, Patrimônio Cultural da Humanidade (porque patrimônio econômico deles) é o "JB", o "Globo", o "Estadão", a "Folha". Como eles não sabem os so- brenomes, não conhecem as famílias dos 2 milhões que vivem em Bra- sília, para eles a capital é apenas o terminal telefônico do poder, o telex das sucursais. Não é uma cidade, é uma fonte de faturas e cheques.

AS SATELITES - E mais uma guerra começou. Bastou o gover- nador José Aparecido anunciar a construção do "Centro Cultural de Brasília", com recursos da iniciativa privada, através da Lei Sarney e das fundações de algumas poderosas empresas nacionais, a grande im- prensa, orquestradamente, caiu de pau em cima do projeto. A primeira pergunta que fazem revela tudo que está na cabeça deles: Para que Brasília quer um centro cultural? Para que o governo quer centro cultural? Como se Brasília fosse apenas o governo, o Palácio do Planalto, os ministérios, o Banco do Brasil e o Banco Central. Escondem que além do meio milhão de habitan-

CENTRO CULTURAL - A campanha contra o Centro Cultural de Brasília, além de socialmente discriminatória e politicamente reacionária, é totalmente falsa, burra. Alegam que a criação, em Brasília, de uma Biblioteca Nacional vai significar a mudança para cá da Biblioteca Nacional, que está no Rio, com seus milhões de volumes. O mesmo se diz do Arquivo Nacional de Brasília: Viria tudo do Rio para cá. Na época da filmografia, não é preciso transportar documentos nem transladar coleções de livros. Basta um intercâmbio para manter as duas bibliotecas, os dois ar- quivos, em funcionamento conjunto. Também o grande museu. Brasília é a capital do século XXI. O que está no Rio fica no Rio. Daqui para frente fica em Brasília. Da mesma forma a sede do Centro Cultural, onde es- tarão abertos ao público todos os modernos instrumentos culturais, como galeria, filмотeca, tudo que a era do computador e do video permite. No mundo inteiro foi as- sim, é assim. Só os idiotas ou os de má fé usam argumentos de má fé e idiotas. A biblioteca, o museu, o arquivo, os centros culturais de Moscou não destruíram nem pre- judicaram os históricos museus, arquivos, bibliotecas, centros culturais de Petrogrado e Leni- grado, depois que a capital foi para Moscou. O "ermitage" está lá até hoje, imponente, imenso, insubs- tituível. Berlim não perdeu nada com a capital da Alemanha em Bonn, Nova Iorque, não deixou de ser Nova Iorque por causa de Washington. A construção do "Beaubourg Pompidou", em Paris, não empalideceu o incomparável "Louvre", nem os "Le Palais." A mediocridade é a desgraça da hu- manidade.

MURILO MENDES - Abriram campanha contra a vinda, da coleção artística do poeta Murilo Mendes, mineiro-romano, para o novo "Museu de Arte de Brasília", mais uma jóia arquitetônica da ge- nialidade de Niemeyer. O Dr. Nascimento Brito, presidente do Museu de Arte Moderna do Rio, quer o acervo. Por que ninguém se lembrou de conseguir antes? Ele morreu em agosto de 1975, em Lisboa. Desde então, sua bela e valiosa coleção, feita na Europa, onde tantos anos viveu, está com a viúva portuguesa Maria da Saudade Cortesão. Graças ao trabalho do embaixador e poeta Alberto Costa e Silva, do ministro Celso Furtado e do governador José Aparecido, a viúva decidiu doá-lo para o "Museu de Arte de Brasília", com uma série de condições: criação de prêmio literário, conservação em salas especiais, tudo atendido. Vem o JB e decreta que a coleção "tem que vir para o Rio". Por que não Brasília? Por que não São Paulo? Por que não Minas, onde ele nasceu? A guerra contra Brasília é uma escaramuça de preconceitos. É a velha, eterna casa grande das elites brasileiras que não enxergam além de suas varandas.